

# O persistente batalhador da democracia

Durante os anos mais duros da repressão, no Governo Médici, Tancredo Neves impôs-se uma discreta atuação como deputado, mas nos bastidores, com paciência e perseverança, insistia na pregação do caminho que considerava realista para a superação do autoritarismo. Caminho este muitas vezes confundido com conivência com o Regime. O ministro Tancredo, como era respeitosamente chamado, aliado a outro artífice desta resistência, o deputado Ulysses Guimarães, lutava contra o desânimo, as tentativas de autodissolução do único e consentido partido de Oposição.

A anticandidatura presidencial de Ulysses Guimarães, percorrendo o estreitíssimo caminho entre a convalidação do Regime e a oportunidade de furar o bloqueio da censura, deu efetivamente início a este longo processo em direção à democracia. No ano seguinte, em 1974, o povo respondeu positivamente, proporcionando uma ampla vitória do MDB nas eleições parlamentares. A política do MDB, resultante do choque entre a ousadia do grupo autêntico e a prudência dos moderados, começava a dar certo.

Veio o Governo Geisel, com sua política de bater no cravo e na ferradura. Por um lado, iniciou a distensão política, combateu a tortura a presos políticos e, no final de seu mandato, revogou o Ato Institucional nº 5, símbolo e instrumento maior do arbítrio. Por outro, foram eliminados fisicamente dirigentes comunistas, fechado o Congresso, editado o pacote de abril e cassados parlamentares opositores como o líder do MDB, deputado Alencar Furtado. Neste quadro instável, Tancredo Neves, o senador Petrônio Portella, os deputados Thales Ramalho e Ulysses Guimarães, entre outros, em espaços estreitos e instáveis, conseguiam importantes avanços democráticos como o fim do AI-5.

No início do Governo Figueiredo destaca-se o seu ministro da Justiça, Petrônio Portella, que, apoiado pelo Chefe do Gabinete Civil, General Golbery do Couto e Silva, articula com Tancredo Neves a liberalização política e a preparação do terreno para o retorno dos civis ao poder. A anistia e o restabelecimento das eleições diretas para governador são os dois maiores avanços políticos deste período. Introduz-se o pluripartidarismo, mas autoritariamente extinguem-se os partidos: para a Arena, um alívio; para o MDB, uma violência.

Tancredo Neves cria o Partido Popular, considerado a oposição confiável ao regime. O objetivo era de fixar uma alternativa

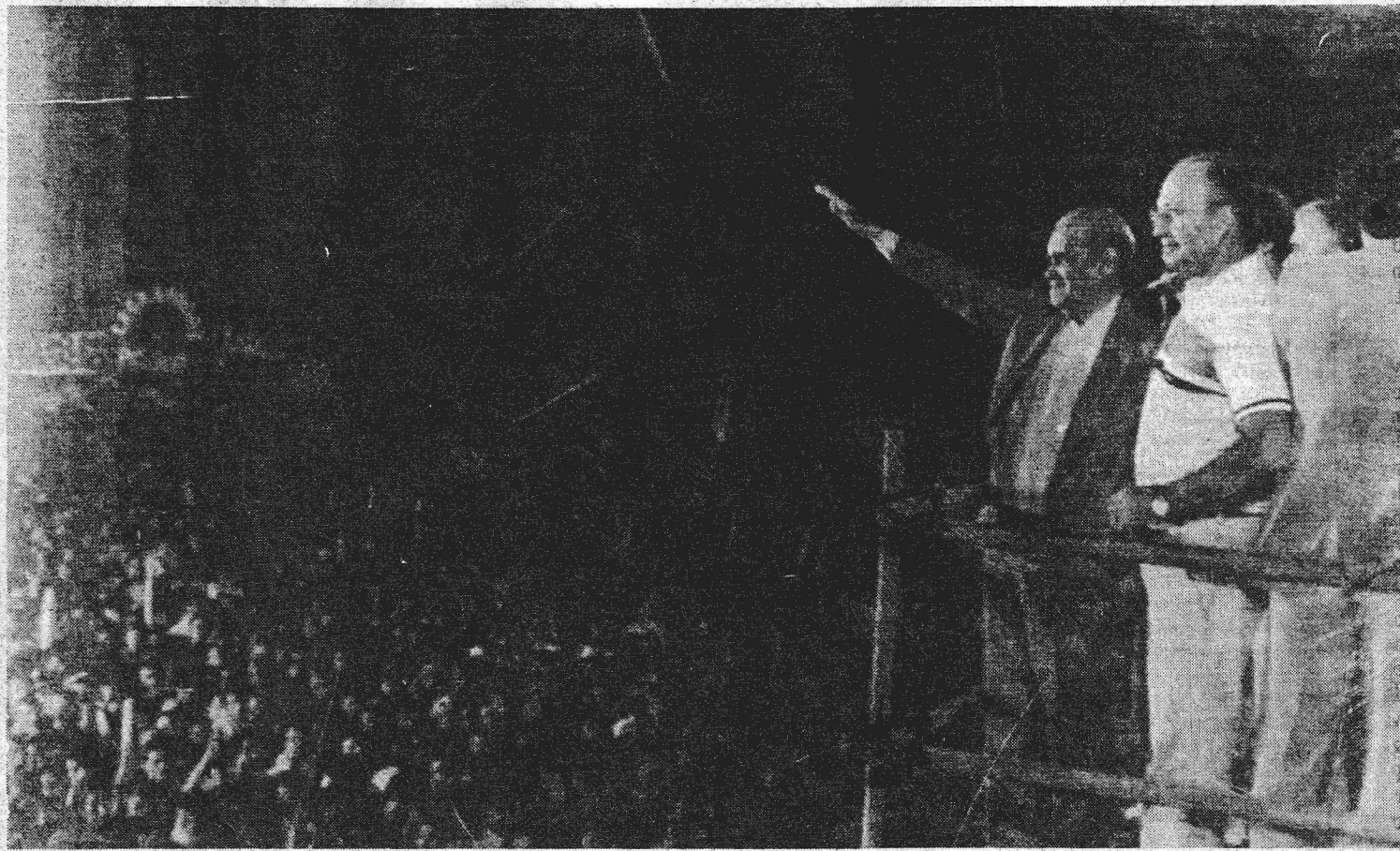
aceitável aos militares para a transição, a devolução do poder aos civis. A morte de Petrônio e suas consequências políticas contribuíram para inviabilizar o PP: o Governo Figueiredo fracassa politicamente, mostra-se débil perante o atentado ao Riocentro e apela para o pacote de novembro, transformando o pluripartidarismo em uma armadilha para as Oposições.

A tática concebida por Tancredo e Petrônio foi torpedeada, mas o objetivo estratégico permanece. Tancredo acaba com o PP, retornando ao PMDB e vence a disputa para o governo de Minas em 82. A partir daí, acelera-se o projeto de transição. Discretamente, começa a ser articulada a candidatura do governador de Minas à Presidência, enquanto o presidente Figueiredo sem iniciativa política, assiste e contribui para o esfacelamento de seu Partido.

Em 1983, o PDS já estava rachado de um lado, o deputado Paulo Maluf intensificava sua arrancada para a Presidência; de outro, o vice-presidente Aureliano Chaves aguardava uma manifestação de Figueiredo, mas deixava claro que a opção malufista seria inadmissível para a Nação. Figueiredo não queria nenhum dos dois. Aceitava, mas não trabalhava pela candidatura oficiosa de Mário Andreazza. O PDS iniciava sua caminhada para a imploração. Nas ruas, o povo na campanha das diretas definiu o jogo: não conseguiu eleger diretamente seu presidente, mas tornou irreversível o racha do sistema, proporcionando uma ampla aliança das forças democráticas.

Dai, com habilidade, Tancredo ocupou os espaços disponíveis; aos poucos, fixou-se na campanha "Muda, Brasil" como a alternativa para as mudanças exigidas pelo País na campanha pelas diretas. E por sua reconhecida moderação, firmou-se como uma alternativa viável aos setores dissidentes do regime — políticos e empresários. Surgiu a Aliança Democrática, que chega ao poder com o compromisso de criar e consolidar a Nova República.

Com Tancredo, a tarefa seria difícil, mas contaria com um impressionante apoio popular e uma heterogênea sustentação política já equacionada. Sem ele, será muito mais. O presidente José Sarney e a Aliança Democrática terão complicações adicionais como a frustração popular, mas dispõem das linhas gerais de ação. E do instrumento maior para se chegar à Nova República — a Assembleia Nacional Constituinte livre e soberana.



*A campanha pelas diretas levou Tancredo aos palanques de muitos pontos do País, o que aumentou sua popularidade*